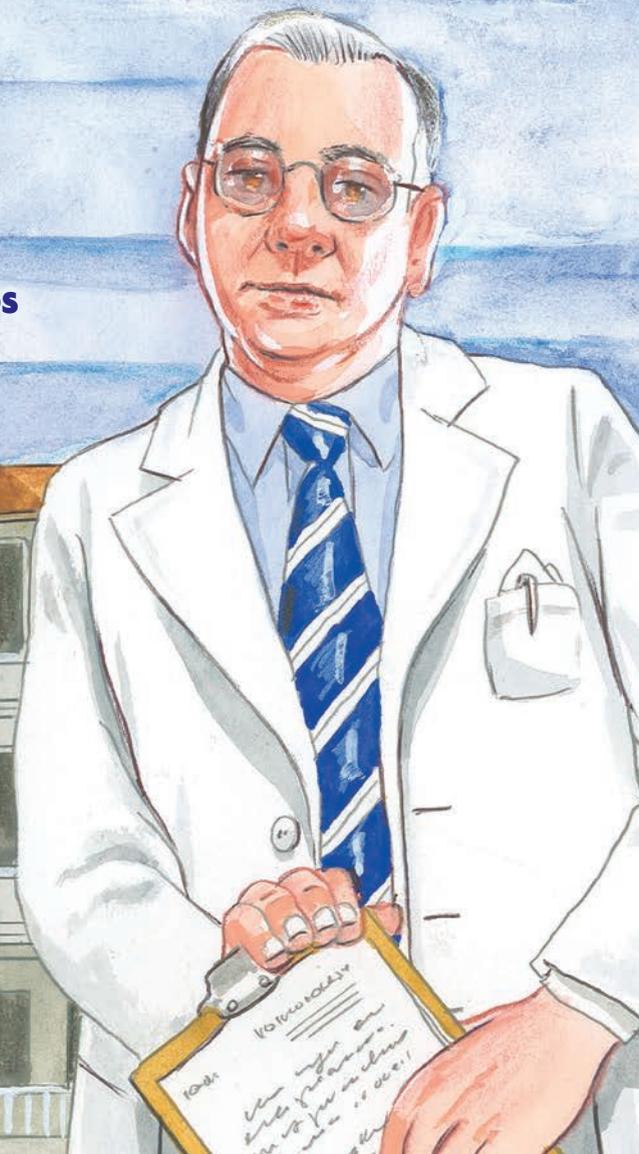


A LUTA CONTRA A TUBERCULOSE

NÉLSON D'ÁVILA E A FASE SANATORIAL EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Texto de Walter Vetillo – Ilustrações de Eduardo Vetillo



Cidade de
São José dos Campos
Prefeitura Municipal

A LUTA CONTRA A TUBERCULOSE

NÉLSON D'ÁVILA E A FASE SANATORIAL EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Texto de Walter Vetillo – Ilustrações de Eduardo Vetillo

Vamos lembrar neste livro uma época na qual a cidade de São José dos Campos era uma tranqüila cidade provinciana, encravada no Vale do Paraíba. Nesta mesma época, uma terrível doença – a tuberculose – crescia no mundo de forma avassaladora, levando a muitos lares momentos de intenso sofrimento e de dor.

.....

Por causa dessa doença, aos poucos o Brasil descobria São José dos Campos, que por ter um clima favorável, e também pela competência e dedicação de seus médicos, representava uma esperança de cura para os portadores da doença. O próprio lema do brasão da cidade – *Aura terraque generosa*, “Generosos são meus ares e minha terra” –, já anunciava esta esperança.



UM JOVEM SAUDÁVEL

- *Epa! Vejam o que o Toninho e o Rudi inventaram!*
- *Legal! Eles montaram um barco a vela!!*
- *Que boa idéia eles tiveram!*

As pessoas que passeavam pela beira da represa foram tomadas pela surpresa e olhavam espantadas para aqueles dois garotos instalados num improvisado veleiro.

O vento inflava a vela e o barco cortava as águas frias da região do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, cheia de lagoas navegáveis, com inúmeros riachos e rios. Um convite à diversão...

Rudi e Toninho eram grandes amigos. Uma amizade que com o passar do tempo só fez crescer, tornando-os como irmãos gêmeos, que pensavam e agiam da mesma forma.

Era apenas um barco para dois remadores, mas

o criativo Toninho cismou de colocar uma vela. Cortaram e costuraram o pano, construíram um mastro no centro do barco, sem esquecer de colocar um leme para dar direção à embarcação.

Tudo pronto, respiraram fundo, colocaram o barco na água e partiram para a grande aventura. Testando o improvisado veleiro, Toninho ficou a popa, comandando o leme, enquanto Rudi, junto ao mastro, cuidava da vela.

O vento aumentava e soprava da Ilha das Cabras em direção ao clube de regatas, impulsionando o barco que navegava tranquilamente pelas águas geladas, para a alegria dos novos marinheiros, que pela primeira vez tentavam a navegação a vela.

.....

- *Báaa... guri! Vê se alcanças este velho amigo!*
- *Vamos campear a bicharada, seu Romualdo!*

E lá iam a galope os dois gaúchos, pela extensa

planície em busca dos animais que ficavam soltos durante o inverno. O capataz da estância era seu Romualdo, já avançado na idade, mas com o vigor de um jovem. Romualdo conhecia os animais até pelo ruído dos cascos – e domava qualquer cavalo.

Ao seu lado seguia o jovem Rudi. A chácara de seu pai não tinha pasto bastante para alimentar os

cavalos durante o inverno. A solução era levar os animais para a estância do vizinho, rica em pastos e açudes. E a maior alegria de Rudi era ir buscar os cavalos no início do veraneio, após saborear um chimarrão com o velho Romualdo, um gaúcho descendente dos legítimos donos dos pampas. Dava gosto conversar com ele!



TOSSE, FEBRE... É A TUBERCULOSE.

– Deves estar com muita febre, meu filho! Vai para a cama que eu vou dar um jeito!

A saúde do jovem Rudi vinha preocupando seus pais já havia um tempo. Após vários exames, uma junta médica apresentou um triste diagnóstico: tuberculose pulmonar em plena evolução. Com seu pulmão direito comprometido e com poucas esperanças de recuperação, a vida de Rudi corria sério perigo.

Naquela época não existia um só medicamento que combatesse eficazmente o temível bacilo de Koch. Era um caso perdido.

Entretanto, seu tio Carlos Becker não se conformou. Como tinha dois irmãos que moravam em São José dos Campos, ficara sabendo que graças ao bom clima da região do Vale do Paraíba e ao excelente atendimento do Sanatório Vicentina

Aranha, alguns doentes graves haviam se curado e conseguido voltar à vida normal.

Becker convenceu os pais do jovem e ficou decidido que ele viria para São José dos Campos. Para não deixar Rudi muito preocupado, seus bondosos pais disseram-lhe que tinha uma simples “fraqueza pulmonar” e iria descansar numa estância de repouso.

A viagem foi feita de navio até Santos. O balanço da embarcação, a tosse e a febre não deram descanso a Rudi. O sofrimento continuou na subida, de trem, da Serra do Mar e no cansativo percurso de carro até o sanatório.

Nessa exaustiva viagem, Rudi recordava com saudades dos passeios de barco no clube de regatas, do Ginásio onde estudara, da chácara de seus pais, de seu querido cavalo Tony, de seus estimados amigos que talvez não voltasse a encontrar.

UMA VIDA DEVOTADA AOS DOENTES

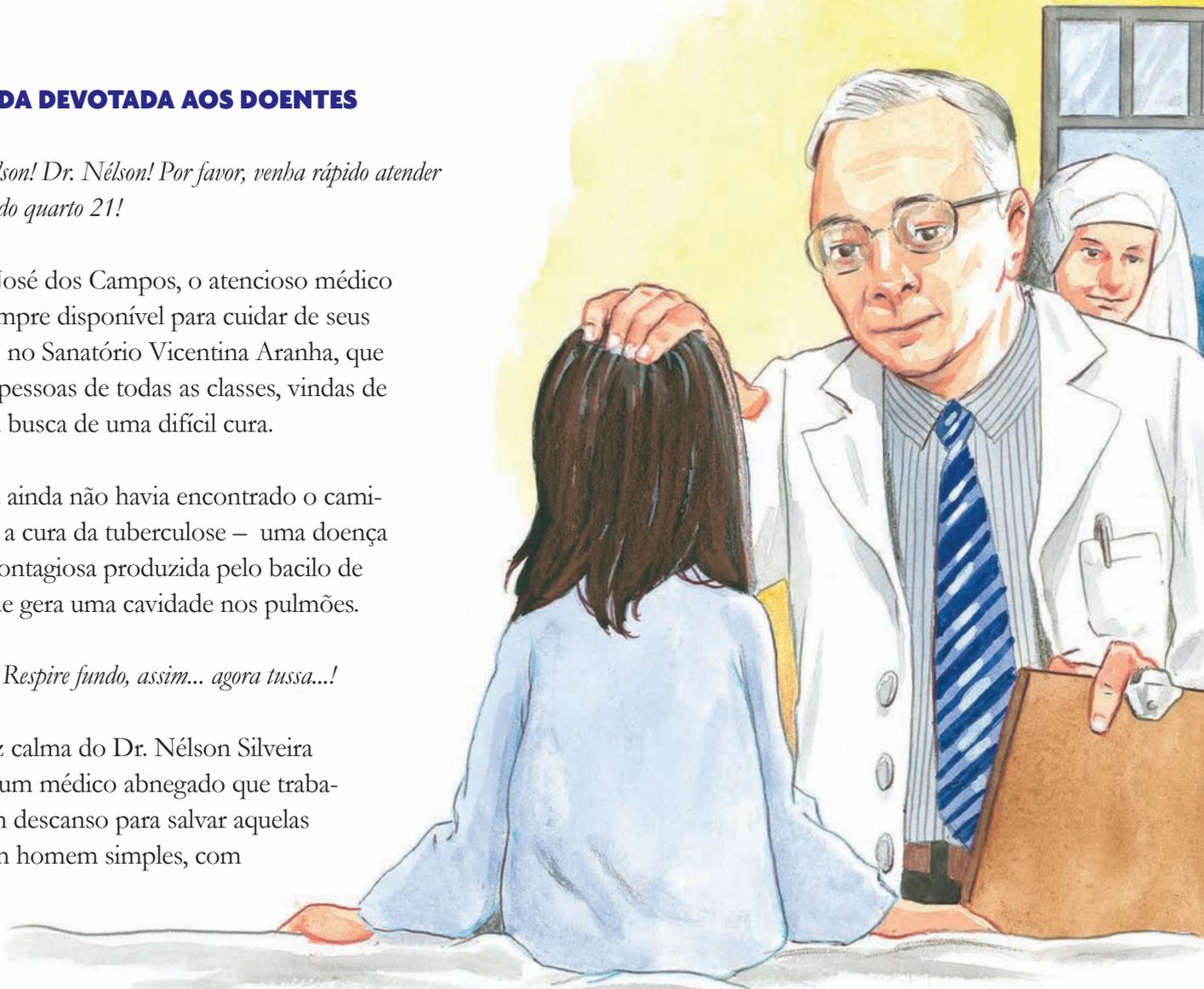
– *Dr. Néilson! Dr. Néilson! Por favor, venha rápido atender o paciente do quarto 21!*

Em São José dos Campos, o atencioso médico estava sempre disponível para cuidar de seus pacientes no Sanatório Vicentina Aranha, que abrigava pessoas de todas as classes, vindas de longe em busca de uma difícil cura.

A ciência ainda não havia encontrado o caminho para a cura da tuberculose – uma doença infecto-contagiosa produzida pelo bacilo de Koch, que gera uma cavidade nos pulmões.

– *Vamos! Respire fundo, assim... agora tussa...!*

Era a voz calma do Dr. Néilson Silveira D'Ávila, um médico abnegado que trabalhava sem descanso para salvar aquelas vidas. Um homem simples, com



um coração nobre, sempre transmitindo força aos enfermos, acendendo uma chama de esperança em cada doente que passava por suas mãos.

Ainda muito moço, recém-formado em medicina, Nélson D'Ávila tinha ido trabalhar em São José dos Campos para lutar contra a tuberculose. De tanto se dedicar aos doentes, veio a ser para muitos o nome mais querido e respeitado da cidade. Casou-se com Dona Elza, com quem teve oito filhos.

O Dr. Nélson era um homem de gosto refinado, vestia-se impecavelmente, amava as flores e os pássaros e deliciava-se com a boa música.

Além de diretor clínico do Sanatório Vicentina Aranha, o Dr. Nélson também atuava em outros sanatórios menores, pensões e repúblicas de doentes e mantinha um bem montado



consultório no centro da cidade, onde atendia, sem cobrar um tostão, a uma legião de pessoas sem recursos, a quem dava tratamento, orientação e esperança.

Seu ritmo de trabalho era impressionante, mal deixando tempo para suas refeições. Se algum doente, um caso grave, necessitasse de sua presença, no meio da noite, não havia dúvida: lá iria o Dr. Néelson atendê-lo.

Além do Dr. Néelson, muitos outros médicos trabalhavam incansavelmente contra a tuberculose. Um deles, que merece ser lembrado por sua importância como médico e sua qualidade como ser humano, foi o Dr. Rui Dória. O Dr. Dória foi um pioneiro da cirurgia torácica, com a qual salvou inúmeros doentes. Era grandemente estimado pela população joesense e chegou a se tornar prefeito da cidade.

MÉDICO E AMIGO

– *Dormiu bem?*

Rudi entreabriu os olhos e, envolto em névoa, vislumbrou o suave semblante da Irmã Paula, Madre Superiora do Sanatório.

– *Você deve estar com fome. Tome seu café e apronte-se que daqui a pouco o Dr. Néelson virá examiná-lo!*

Enquanto se aprontava, Rudi olhava espantado para aquele quarto amplo e arejado. De sua cama, podia ver pelas janelas altas árvores balançando-se ao vento. Não demorou muito e, com duas batidas na porta, o Dr. Néelson entrava no quarto.

– *Então, como vai o gaúcho?*

– *Não muito bem, doutor. A tosse está cada vez pior!*

– *Vamos ver isto. Tire o paletó do pijama!*



Após o exame, o médico parecia preocupado. Calmamente, prescreveu o máximo de repouso e alimentação de duas em duas horas, recomendando também a permanência dos pais do enfermo no sanatório, em razão da gravidade da doença.

Neste momento cruzavam-se as vidas de duas pessoas muito especiais, dando início a uma sólida amizade que iria perdurar por muitos anos. Agora a vida de Rodolfo Lima Martensen, o Rudi, de 16 anos, estava nas hábeis mãos do Dr. Néelson D'Ávila. Curiosamente, os dois eram originários da mesma cidade, Rio Grande.

CHEGOU A HORA DE AGIR!

– Mas, Dr. Néelson, me disseram que eu só estava fraco dos pulmões...!

– Não adianta se iludir, Rudi! Ou você tem pulmões saudáveis ou doentes! Só você pode se ajudar na cura e para isso é preciso estar consciente de seu estado! Sua situação é grave!

O Dr. Néelson estava sendo sincero com o jovem Rudi, pois acreditava que a única arma para combater a tuberculose estava dentro do paciente – principalmente, em sua vontade de viver.

– Mas, Rudi, não se desespere. Você tem tudo para se curar. Seu organismo é perfeito. O esporte que você sempre praticou preparou seu corpo e seu espírito para a luta. Agora, chegou a hora de agir!

...Foi assim que a luz da esperança brilhou naquele quarto e no coração do jovem Rudi. Sua mãe, Dona Dora, sempre atenciosa, passava dia e noite

ao seu lado, mesmo correndo o risco do contágio. Isso dava ao filho um grande conforto e alegria.

Com o rigoroso tratamento, lentamente Rudi foi vencendo a terrível doença. Sua febre baixou e o apetite reapareceu. Logo teve ordem para se levantar.

Os enfermeiros colocaram sua espreguiçadeira de lona no terraço principal do Sanatório, onde os pensionistas se reuniam antes e depois das refeições. E ali, Rudi, o mais jovem dos doentes, começou a conhecer seus colegas que estavam na mesma expectativa de cura.

Isto trouxe ao jovem um grande calor humano, fundamental para a recuperação e principalmente, um grande alento, pois sabia que não estaria tão só quando sua querida mãe tivesse que regressar ao sul, o que logo aconteceu.

A CURA DE RUDI

Passaram-se dois longos anos. O jovem Rudi, já agora com 18 anos, tinha melhorado muito. Seus exames estavam ótimos e as radiografias mostravam uma recessão completa das manchas pulmonares. Um dia, por fim, veio a grande notícia, por intermédio da mãe, que lhe telefonava.

- *Alô, meu filho! Como vais?*
- *Bem mamãe, e como vão a senhora e o pai?*
- *Meu filho, tu estás curado! O Dr. Nélson acabou de me telefonar e fez questão que recebeses a notícia por nós!*

Rudi não conseguiu falar mais nada. Despediu-se da mãe e, profundamente emocionado, saiu correndo pelos corredores do sanatório em direção ao consultório do médico.



O Dr. Nélon levantou-se e eles se abraçaram longamente.

– Agora, você não depende mais de seus pulmões! Vai depender de sua cabeça! Tenha juízo e boa sorte!

Rudi comoveu-se com a despedida que lhe fizeram seus companheiros do sanatório. Moças e rapazes, senhoras já idosas, as irmãs e os enfermeiros, todos se postaram na escada, na entrada principal e começaram a cantar a Valsa da Despedida...

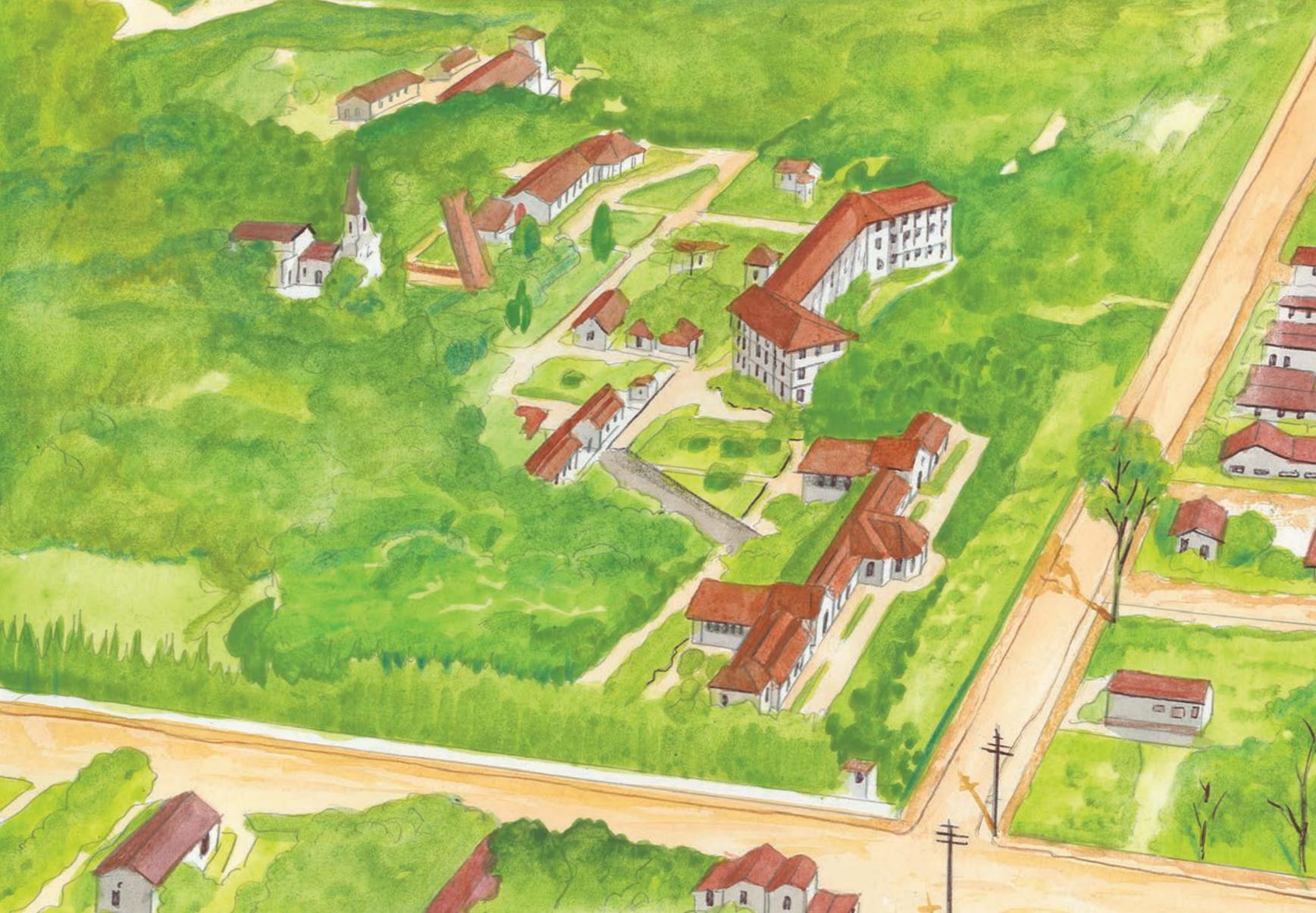
Rudi foi para São Paulo, onde se tornou publicitário de renome e, anos mais tarde, fundador da conhecida Escola Superior de Propaganda e Marketing. Quando de seu casamento, Rudi convidou para ser seu padrinho o seu querido amigo e salvador, Dr. Nélon D'Ávila.

O SURGIMENTO DO VICENTINA ARANHA

Quando terminava a fase áurea do café, a cidade de São José dos Campos seguia a passos lentos, com suas ruas poeirentas, parecendo aguardar o despertar de um novo período em sua história.

Devido ao seu bom clima, a cidade passou a ser recomendada para o tratamento das doenças pulmonares. Para atender o número crescente de doentes, surgiam sanatórios e pensões. Com o aumento do número de doentes que vinham para tentar a cura, muitos deles eram acolhidos em casas de famílias, o que atestava o espírito fraternal dos joseenses.

Para o tratamento, a cidade contava de início com apenas um hospital que dava assistência médica aos menos favorecidos – a Santa Casa de Misericórdia. Logo, contudo, ficou claro que era necessário aumentar a capacidade de atendimento de doentes. Surgiu, então, a idéia de construção de



um grande sanatório. Vicentina de Souza Aranha, uma caridosa dama da sociedade paulista, que trabalhou durante toda sua vida em prol dos tuberculosos, conseguiu a doação de uma grande área não longe do centro cidade. Aos poucos foram obtidos os recursos para a construção desse novo hospital. Em 1918 as obras do sanatório já estavam em andamento, financiadas por várias quermesses e coletas de doações junto a empresários de São Paulo. Em 27 de abril de 1924, o sanatório foi oficialmente inaugurado.

UM TRATAMENTO DE PRIMEIRA

Naquela época, parte importantíssima do tratamento da tuberculose era a alimentação saudável. O tratamento dos doentes do Sanatório Vicentina Aranha era de primeira. Começava pelo café da manhã, bastante reforçado, com ovos, frutas e mingau de aveia; pelas dez horas era servido um suco de carne em pequenas xícaras, completado

com um farto almoço; à tarde, os pacientes recebiam um café, nos quartos ou nas galerias; vinha então o jantar, também farto; por fim, antes de o paciente se deitar, era servido um chá com biscoitos.

Para poder oferecer tudo isso, o Sanatório contava com sua própria horta, pomar, galinheiro e criação de porcos.

Para o lazer e o descanso dos pacientes, além dos terraços e jardins, ao redor do Vicentina Aranha havia um extenso bosque verdejante com os mais variados tipos de plantas e flores. Os doentes podiam fazer ali passeios refrescantes, na sombra das árvores, apreciando as flores e o cantar dos pássaros. Isso ajudava no tratamento e dava alívio de seus sofrimentos.

A religiosidade não foi esquecida e uma bonita capela foi erguida para que os pacientes pudessem orar com serenidade, rogando pela sua cura. Atrás da capela, foi erguida uma gruta, dedicada a Nossa

Senhora de Lourdes, famosa aparição da Virgem Maria na cidade de Lourdes, na França.

No prédio principal do sanatório, o pavilhão masculino ficava à direita de quem entrava no parque e o feminino, à esquerda. O andar térreo era destinado aos homens e o andar superior às mulheres. Para os pobres, que não podiam pagar, foram construídos nas laterais cerca de 80 quartos, sendo que a única diferença que existia entre o tratamento dispensado a eles e o tratamento dos pagantes estava nas acomodações.

Em 1941, iniciou-se a ampliação do sanatório, diante do aumento crescente de pacientes.

A INCESSANTE LUTA PELA CURA

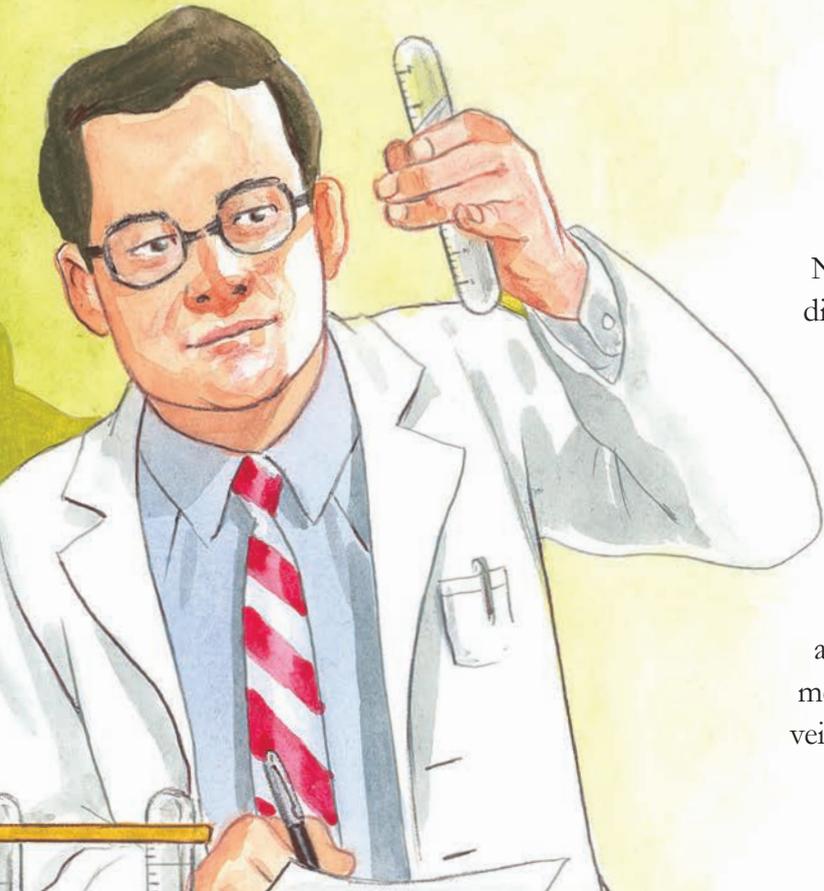
– Volte logo Dr. Néelson! O senhor sempre nos traz tanta alegria e esperança!

A simples presença do Dr. Néelson D'Ávila era benéfica e dava novo ânimo às famílias atingidas pela doença. Era tão estimado que não raro, quando saía da casa de algum doente, toda a família o acompanhava até a porta.

Por isso mesmo, seu trabalho era exaustivo, consumia todo o seu tempo e as suas forças. Um dia, o médico conheceu um colega de profissão que, além de se tornar seu grande colaborador, tornou-se também seu melhor amigo. Chamava-se Ivan de Souza Lopes.

Grande estudioso da área médica, o Dr. Ivan era também um cientista e um pesquisador. Tinha sido vítima da tuberculose e viera morar em São José dos Campos.

Estimulado por Néelson D'Ávila, o Dr. Ivan montou um laboratório para pesquisar métodos mais eficazes para combater a doença que o havia aprisionado. Passava horas seguidas envolto com



microscópios e tubos de ensaio, observando o resultado das experiências que fazia com ratos, cobaias, coelhos e até um bezerro que mantinha no quintal de sua casa.

Naqueles anos, em São José dos Campos a mortalidade infantil, causada principalmente pela tuberculose, chegava a 70%. Era um número impressionante que motivava os cientistas a lutar sem descanso para encontrar a cura da terrível moléstia.

Na época, existia uma vacina, a BCG, que estava desacreditada, por ter dado resultados terríveis na Alemanha, em 1930, quando milhares de crianças ficaram tuberculosas após terem sido vacinadas. Mas o Dr. Ivan compartilhava a opinião de outros de que o problema na Alemanha não tinha sido vacina, mas seu preparo errôneo.

Com o apoio de outros médicos, o Dr. Ivan começou a imunizar as crianças de São José dos Campos, principalmente os filhos das empregadas das pensões e das miseráveis repúblicas de doentes, onde era maior o contágio.

Os resultados foram animadores, mas infelizmente o Dr. Ivan, devido ao excesso de trabalho, sofreu uma recaída e veio a falecer em março de 1937, nos braços de seu grande amigo, o Dr. Nélon.

A população da cidade chorou a perda desse grande humanista, que tinha dedicado sua vida aos pobres necessitados, mas seu trabalho não ficou sem frutos. A Liga de Assistência Social e Combate a Tuberculose, que ele fundara com outros médicos, cresceu e chegou a atender em poucos anos, mais de dois mil doentes sem recursos.

UMA JOVEM SE DEDICA ÀS DOENTES

Com o crescente aumento no número de doentes que vinham para se tratar em São José dos Campos, essas pessoas se acomodavam como podiam. Alguns conseguiam vagas nos sanatórios, outros em pensões lotadas. Era um quadro muito

triste. Muitos sentiam-se marginalizados, longe da família, dos amigos, dos filhos.

No inverno de 1922, veio para São José dos Campos, também com seus pulmões enfraquecidos, uma jovem professora de apenas 21 anos, Dulce Rodrigues dos Santos, da alta sociedade paulista.

Dulce veio em companhia de sua mãe e se instalou numa pensão, mas logo percebeu a triste situação em que se encontravam muitas jovens doentes largadas em pensões miseráveis e sem higiene. Num gesto humano e corajoso, a jovem não titubeou e alugou uma casa, na qual preparou um verdadeiro lar, abrigando tais moças num ambiente sadio e alegre.

Ao fazer isso, Dulce deixou o conforto e o prestígio da sociedade à qual pertencia para executar um trabalho não só de assistência, mas de catequese, pois procurava sempre aliviar com a religião a angústia que tomava muitas das jovens a quem

ela atendia. Iniciava-se assim um ideal de vida religiosa. Nele, junto com outras companheiras, Dulce percorria as pensões, sanatórios e repúblicas, propagando sua fé católica e oferecendo conforto moral.

A este trabalho logo emprestou seu apoio o Dr. Néelson D'Ávila. Foi ele o primeiro médico a auxiliar a missão da jovem paulistana.

Essa obra cresceu e, em apenas dois anos, transformou-se numa Congregação Religiosa. Mais tarde, suas integrantes receberam o hábito religioso com o nome de “Pequenas Missionárias de Maria Imaculada”, e Dulce foi agraciada com o nome religioso de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico. Em 1935, a congregação inaugurou a parte central do Sanatório Maria Imaculada, na rua Major Antonio Domingues. Apesar dos sacrifícios e das dificuldades, o sanatório foi crescendo e abrigando dezenas de doentes.

Pouco depois, também pelas mãos de Madre Teresa, foi fundada a Casa Santa Inês, destinada às crianças desamparadas pela perda de um ou de ambos os pais para a tuberculose. Em pouco tempo, a casa comportava cerca de 60 pequenos órfãos.

De presença carismática, personalidade forte e destemida, Madre Teresa trabalhou incansavelmente, durante anos, para levar aos doentes um caminho de esperança.

Registremos aqui que o próprio Dr. Néelson D'Ávila era um homem religioso, o que ajuda a entender sua atuação como médico, bem como seu apoio às “pequenas missionárias” e a outras instituições religiosas. Naquela época, a maior parte da população brasileira era constituída por católicos. Por isso, muitos dos serviços não-governamentais de assistência social e de saúde estavam ligados às instituições católicas.

AINDA O SANATÓRIO

A construção de sanatórios, em São José dos Campos, ocorreu de 1918 a 1967. Nesse período, verificou-se um crescimento urbano acelerado, com a realização de várias obras públicas e edificações particulares, muitas delas voltadas ao tratamento da tuberculose pulmonar.

O Sanatório Vicentina Aranha foi, na época de sua inauguração, apontado como um dos maiores da América Latina. Era reconhecido pela abrangência de suas atividades e por seu excelente arranjo espacial. Pelo elevado padrão do serviço oferecido, serviu também como referência obrigatória para outras iniciativas com as mesmas finalidades.

O projeto do Sanatório ficou a cargo do renomado engenheiro e arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, autor de vários projetos importantes na capital paulista.

Na época, um fator vital para um hospital para o tratamento da tuberculose pulmonar era a ventilação e a incidência do sol



nas edificações, pois o sol e a ventilação eram fundamentais para a cura. Sob este aspecto, a construção do Vicentina Aranha foi perfeita. Na distribuição dos vários pavilhões, observou-se entre eles uma distância mínima de 25 m. Da mesma forma, os dormitórios foram todos voltados para a face Norte, recebendo assim a incidência da luz solar durante boa parte do dia.

A TUBERCULOSE SOB CONTROLE

A luta dos pesquisadores na busca de um remédio que combatesse o bacilo de Koch se desenvolvia em diversos países. O primeiro grande passo foi a importantíssima descoberta da penicilina, por Alexandre Fleming. Foi do mofo que ele extraiu essa substância, que viria acabar com uma série de doenças. Essa descoberta fez com que outros cientistas se dedicassem mais à investigação dos mofos e de sua grande utilidade no combate às infecções.

Em 1944, finalmente, o grande pesquisador Waksman conseguiu derrotar o temível bacilo de Koch ao descobrir a estreptomicina. Estava assim selado o destino da tuberculose endêmica, para alívio de incontáveis doentes e suas famílias, vítimas desse mal. Em São José dos Campos, como no mundo todo, os médicos festejaram com alegria a chegada desses medicamentos.

Na década de 1950, com a tuberculose já considerada uma moléstia sob controle, tratores e possantes máquinas começavam a rasgar o município. Era criado o CTA e aberta a Via Dutra. As indústrias foram surgindo, trazendo uma nova fase para São José dos Campos.

Foi nesse período, após ter tido a felicidade de conhecer os novos medicamentos que trouxeram a cura da tuberculose, que o bondoso Dr. Nélon D'Ávila adoeceu, vindo a falecer em outubro de 1953. No cemitério central da cidade, repousa em

paz esse grande médico que dedicou toda sua vida em prol dos doentes pobres e necessitados.

O Dr. Nélson D'Ávila residiu e clinicou durante 43 anos em São José dos Campos, cidade pela qual tinha um grande apreço, tornando-se um cida-

dão estimado e respeitado por todos. Dedicou-se também à vida política, tendo sido presidente da Câmara Municipal e vereador em várias legislaturas.

Sua morte causou um grande pesar em toda a cidade.



OBRAS CONSULTADAS

São José dos Campos - Uma Visão da Fase Sanatorial, Nelly de Toledo Cesco , Fundação Cultural Cassiano Ricardo, São José dos Campos, 1992.

Memórias - O Desafio de Quatro Santos, Rodolfo Lima Martensen , LR Editores, São Paulo, 1983.

São José dos Campos - Arquitetura Sanatorial, Tania Bittencourt , editado por Tania Bittencourt, São José dos Campos, 1998.

FICHA TÉCNICA

A luta contra a tuberculose – Néelson D'Ávila e a fase sanatorial em São José dos Campos
Walter Vetillo e Eduardo Vetillo
Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP, 1ª edição – 2008
ISBN 978-85-61192-01-3

Coordenação e edição de texto – A. V. Queiroz

Produção gráfica – Circus Serviços Gráficos Ltda.

Responsável pelo projeto - Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos
Rua Felício Savastano, 240 – Vila Industrial – São José dos Campos – SP – 12.220-270
Fone: (12) 3901-2000 – E-mail: 156@sjc.sp.gov.br

Livro para distribuição gratuita a alunos da rede escolar pública. Proibida a venda. Todos os direitos reservados à Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP. É vedada a reprodução total ou parcial da presente obra sem autorização expressa da detentora dos direitos.



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal

ISBN 978-85-61192-01-3